

Narrativas de um professor pesquisador na prevenção ao uso de drogas por estudantes

ARTIGO

Walk Loureiroⁱ

Instituto de Ensino Superior e Formação Avançada de Vitória, Vitória, ES, Brasil

Paulo Pires de Queirozⁱⁱ

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1

Resumo

Os objetivos deste texto são apresentar, discutir e aprofundar algumas questões trazidas por um memorial acadêmico de uma tese de doutorado que buscou contribuir com a prevenção ao uso de drogas entre escolares. Por meio da narrativa autobiográfica, apresenta como o tema das drogas integrou, indiretamente, a vida pessoal e acadêmica do autor principal do texto e discute de que maneira essa temática atravessou sua atuação profissional, levando-o a realizar um estudo de doutorado que o ajudasse a compreender melhor esse fenômeno. Propõe que os cursos de formação inicial incorporem, em seus currículos, conteúdos e disciplinas que tratem da questão do uso de drogas precocemente entre os escolares. Conclui com a proposta de encaminhamentos que professores, responsáveis pelos alunos e sistemas de ensino podem seguir para (re)pensar a prevenção realizada nas escolas.

Palavras-chave: Drogas na escola. Memorial de formação. Narrativa autobiográfica. Formação de professores. Prevenção.

Narratives from a teacher researcher in the prevention of drug use among students

Abstract

This paper aims to present, discuss and deepen some of the issues raised by an academic memorial, which composed a doctoral thesis that sought to contribute to the prevention of drug use among students. By means of an autobiographical narrative, this work presents how the drugs theme was, indirectly, a part of the life of the main author of the text in his personal and academic life, as well as how this topic crossed his professional life, leading him to be interested in doing a doctoral study, which would help him better understand this phenomenon. It proposes that initial training courses include in their syllabuses contents and subjects that address the issue of early drug use among students. It concludes by making referrals for teachers, guardians and education systems to resume a way to (re)think the prevention that is implemented in schools.

Keywords: Drugs at school. Formative memorial. Autobiographical narrative. Teacher training. Prevention.

1 Introdução

2

O uso de drogas lícitas e ilícitas por escolares é um fenômeno crescente em decorrência do grande número de adolescentes que iniciam o uso dessas substâncias, conforme sinalizou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nas quatro edições da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE), realizadas em 2009, 2012, 2015 e 2019 (IBGE, 2009; 2013; 2016; 2021).

O consumo de álcool por adolescentes — substância lícita considerada um importante fator de risco para o uso de outras drogas (CERUTTI; RAMOS; ARGIMON, 2015) — mantém-se em alto patamar há mais de uma década. Como revela a PeNSE, em 2009, 22,1% dos escolares que participaram do estudo já haviam embriagado-se alguma vez na vida (IBGE, 2009); em 2012, esse valor manteve-se praticamente estável, totalizando 21,8% dos investigados (IBGE, 2013); em 2015, esse índice foi de 21,4% (IBGE, 2016); na última edição da PeNSE, em 2019, foi apurado que “[...] 34,6% dos escolares de 13 a 17 anos haviam tomado a primeira dose de bebida alcoólica com menos de 14 anos” e que, dentre os que consumiram bebidas alcoólicas alguma vez na vida, 47,0% já haviam embriagado-se (IBGE, 2021, p. 74).

Nas escolas, muitas vezes, nós professores somos confrontados não com dados, como os apresentados pelo IBGE, mas com episódios nos quais vemos ou, principalmente, ouvimos (e, muitas vezes, fingimos não notar) alunos envolvidos em idade precoce com a experimentação de drogas, sejam elas lícitas, para as quais costumamos não dar muita importância, ou ilícitas, com as quais temos medo de lidar. O fato é que a maioria esmagadora dos professores — dentre os quais poderíamos estar incluídos, quando ainda não estudávamos o tema — sentem-se despreparados para lidar com a prevenção ao uso de drogas (ARALDI *et al.* 2012; CHAGAS *et al.*, 2017; PEREIRA; PAES; SANCHEZ, 2016), seja por medo e insegurança, pela falta de informações e conhecimentos ou mesmo por opiniões, preconceitos e informações errôneas que possuem a respeito das drogas, seus efeitos e de seus usuários.

Por acreditarmos que essa situação de impotência não poderia persistir, decidimos buscar informações e construir conhecimentos sobre o fenômeno das drogas, movimento que encaminhou o autor principal deste texto para a realização de um doutorado, sob a orientação do coautor deste mesmo artigo, no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS) existente no Instituto Oswaldo Cruz, na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) do Rio de Janeiro.

No referido curso, concluído em dezembro de 2022, para a obtenção do título de Doutor em Ciências, foi necessária a construção de um memorial acadêmico, que corresponde a uma etapa obrigatória na escrita das teses defendidas no PPGEBS. No memorial, foram feitas reflexões sobre como o tema das drogas atravessou a vida do autor principal do texto em âmbito pessoal, acadêmico e profissional.

O objetivo deste texto é apresentar, discutir e aprofundar algumas questões trazidas pelo memorial acadêmico, que compôs a introdução da tese defendida, de maneira a trazer elementos que poderão contribuir com ações para a prevenção ao uso de drogas entre escolares. Para a realização desta empreitada, valemo-nos metodologicamente da narrativa autobiográfica, que será apresentada a seguir.

2 Itinerário metodológico

Como já deixamos claro, retomaremos e aprofundaremos algumas questões presentes no memorial acadêmico que todo aluno do PPGEBS precisa construir na escrita de sua tese. Se a memória pode ser entendida como a matéria prima do memorial, uma vez que ela traz “a capacidade mental de representar no presente o passado” (XAVIER *et al.*, 2021, p. 10), não deve haver dúvidas de que a construção de um memorial “visa fundar o passado, instaurá-lo perante todos” (SCARPIM; TREVISAN, 2018, p. 142).

Nesse sentido, a importância da escrita de um memorial pode ser resumida em um pensamento de Pena (2017, p. 78), para quem “O resgate de uma memória que revele uma experiência significativa traz possibilidades não só de ressignificação do já vivido, mas também de uma ação no presente”. Quanto ao papel de quem produz uma narrativa

autobiográfica, convém ressaltar que, de acordo com Passeggi e Cunha (2013, p. 45), “Nas narrativas autobiográficas, a pessoa que escreve é, ao mesmo tempo, o autor empírico do texto, o narrador e o protagonista do enredo da história”. Por esse motivo não foi de estranhar que, ao visitar o memorial escrito na tese, acabei¹ engolido por um espiral de rememorações de fatos e lembranças que, à época da construção do memorial, não haviam sido incorporados ao texto finalizado da tese.

Este texto, portanto, trará ao leitor um passado que foi rememorado e que será apresentado tal qual consigo lembrar-me dele. Isso acontece porque “A memória, ao ser liberada pela rememoração através da narrativa, permite o entrecruzamento entre passado e presente, uma vez que lembramos daquilo que fomos e vivemos ontem a partir daquilo que somos e vivemos hoje” (PENA, 2017, p. 78).

Convém reafirmar que, neste texto, a narrativa autobiográfica é construída como a memória ocorre: em um ir e vir constante, sem maiores preocupações com a cronologia dos fatos, mas com fidelidade aos acontecimentos, às lembranças e aos sentimentos por eles suscitados da maneira que eles ocorreram. Digo isso para afirmar ao leitor, sem qualquer tipo de receio, que a escrita apresentada neste artigo parte de “Uma das características da memória [que] é a seletividade, resultado do complexo processo de depuração do que deve ou não ser percebido na experiência individual ou coletiva” (PORTELLI, 2020, p. 21).

O memorial revisitado neste artigo apresenta, portanto, uma narrativa não apenas de todo o meu percurso de vida a partir do momento em que passei a interessar-me pela temática das drogas e a estudar como essas substâncias podem afetar o ambiente escolar, mas também de momentos anteriores a esse processo, que só foram notados e colocados como alvo de análise quando o uso de drogas por parte de adolescentes e jovens em idade escolar tornou-se meu objeto de estudo.

¹ Optamos por escrever o texto na primeira pessoa do plural por considerarmos a escrita de uma tese uma construção coletiva realizada entre orientando e orientador. Em passagens como esta, quando nos remetermos a experiências de vida do autor principal deste texto, será usada a primeira pessoa do singular.

Passeggi e Cunha (2013, p. 45) explicam que a autoria em uma narrativa autobiográfica acontece:

[...] mediante operações de linguagem e compreende processos cognitivos e sócio-históricos pelos quais a pessoa que escreve se apropria de suas experiências e se constitui pelo ato da escrita como autor ao tempo que reinventa sua condição humana. Não se trata, portanto, de se expressar pela linguagem, mas de se constituir pelo ato da linguagem (PASSEGI; CUNHA, 2013, p. 45).

A passagem acima chamou muito a minha atenção para o fato de que, para tratar do processo pelo qual me constituí professor pesquisador do campo da prevenção ao uso de drogas por escolares, eu deveria retomar lembranças de vida familiar (quando fui educado de uma certa maneira a respeito das drogas) e de minha vida acadêmica (do ensino fundamental até o ensino superior, quando tive experiências indiretas com as drogas) para só, em seguida, tratar de como o fenômeno das drogas apresentou-se em minha vida profissional.

3 Minha vida e as drogas: situações vividas por um *outsider*²

Antes de partir para minhas memórias, não posso deixar de apontar que falo sobre drogas na condição de um *outsider*, apesar dessas substâncias estarem, indiretamente, presentes em minha vida desde muito cedo. Digo isso porque nunca fui e, até hoje, não sou usuário de drogas lícitas ou ilícitas. Também não tive qualquer membro de meu círculo familiar próximo, ou alguém com quem eu convivesse, que realizasse regularmente o uso de drogas lícitas ou ilícitas, de maneira problemática ou não problemática, tanto dentro quanto fora de casa.

² O *outsider* deve ser entendido como aquele indivíduo que se desvia das regras de um grupo (BECKER, 2008). No caso dos estudos sobre drogas, *outsider* é a pessoa que nunca as usou, mas pesquisa sobre elas.

3.1 Vida pessoal³

As únicas e raras vezes que consigo recordar de meu pai, Agnaldo, ingerindo álcool deram-se quando meus padrinhos (e/ou os de minha irmã) visitavam-nos, em ocasião de nossos aniversários ou de alguma outra data festiva, como o “Natal” e o “Dia das Crianças”. Como os padrinhos de ambos não se sentiam à vontade que meu pai comprasse cerveja apenas para eles tomarem, ele fingia que também bebia com eles. Poucas foram as ocasiões nas quais vi meu pai tomar mais do que um copo de cerveja e, na maioria das vezes, recordo que mais da metade do conteúdo do copo dele era jogado fora na pia da cozinha instantes depois da partida dos visitantes.

Estudando sobre o tema das drogas, compreendi que, mesmo sem saber, as atitudes de meu pai de não costumar usar drogas lícitas, jamais consumir as ilícitas, tanto dentro quanto fora de casa (em bares ou confraternizações), e de desestimular todas as vezes que eu pudesse pensar em ingerir álcool (como no carnaval e em festas) serviram como um importante fator protetivo, para que eu não experimentasse essas substâncias na adolescência. Estudos como o publicado por Cerutti, Ramos e Argimon (2015) revelam que o afeto e o exemplo, bem como o monitoramento e a orientação, podem funcionar como fatores protetivos ao uso precoce na adolescência e evitar que jovens tornem-se adultos que consomem drogas de maneira problemática. Outra pesquisa, publicada por Elicker *et al.* (2015), aponta que a família pode ser um importante favorecedor e até mesmo o lugar de iniciação de adolescentes e jovens no uso de entorpecentes.

Na fase da transição entre minha infância e a adolescência, lembro-me de que ficava brincando no terraço de minha casa ao entardecer e via jovens e adultos fumando drogas sentados na Estrada de Ferro Vitória a Minas, localizada atrás de um muro, hoje inexistente, da antiga Companhia Vale do Rio Doce, em frente ao campo de futebol do Esporte Clube Itaquari, na rua Muniz Freire, no bairro Itaquari, município de Cariacica.

³ Sempre que necessário, as lembranças serão acompanhadas de reflexões teóricas balizadas por citações de especialistas no campo da pesquisa sobre as drogas e seus efeitos.

3.2 Vida acadêmica

Lembro-me de três situações de pessoas usando entorpecentes nas imediações das instituições (ou dentro destas) nas quais estudei, mas sem qualquer tipo de problematização por parte de professores e outros profissionais da educação.

7

No primeiro episódio, que ocorreu durante meu ensino fundamental, um jovem casal de namorados consumia drogas no meio da tarde, em um terreno baldio localizado na lateral da “Escola de Primeiro Grau Oliveira Castro”, situada no bairro Itaquari. Eles permaneciam à altura do térreo, atrás de um muro, mas imediatamente abaixo das janelas de minha turma, a 5ª série (nosso atual 6º ano do fundamental), que cursei em 1988. Lembro-me bem daquele ano, porque foi o único de todo o ensino fundamental que estudei no turno vespertino.

Quando voltávamos do horário do recreio, invadia nossa sala de aula um cheiro forte e característico daquilo que, apenas muitos anos depois, eu viria a saber que era maconha. Antes mesmo de a professora chegar à sala de aula, eu e meus colegas já estávamos pendurados nas janelas devido à curiosidade que aquele forte odor despertava em nós. Rememoro Pedro, o único colega de turma que parecia ter compreensão do que estava acontecendo, pôr a cabeça para fora da janela e gritar “parem com isso, droga é uma droga”, e observarmos o casal sair rapidamente do local.

Recordo, ainda, que a professora entrou em nossa sala, inteirou-se do que estava acontecendo e ignorou o acontecido, ao mandar que todos sentássemos e abrissemos o livro didático para ela seguir com suas obrigações escolares. Se nos dias atuais, como já vimos, os docentes sentem-se despreparados para tratar da questão das drogas nas escolas (ARALDI *et al.* 2012; CHAGAS *et al.*, 2017; PEREIRA; PAES; SANCHEZ, 2016), imagino o quão sem informações os docentes não deveriam sentir-se no final da década de 1980. Ainda, os poucos materiais didáticos de que os professores dispunham naquela época para trabalhar a prevenção ao uso de drogas nas escolas, até a década de 1990, tanto eram imprecisos como buscavam amedrontar professores e alunos, ao invés de informá-los (LOUREIRO; QUEIROZ, 2018).

No ensino médio, lembro-me de um dia, no decorrer do ano letivo de 1995, quando “matei” aula com outros três colegas para jogar basquete em duplas na quadra da antiga Escola Técnica Federal do Espírito Santo (ETFES), hoje Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e fui surpreendido, no intervalo para o descanso do jogo, por dois deles fumando um enorme cigarro de maconha. Fiquei perplexo com a situação; não que, àquela altura de minha vida, nunca tivesse visto outras pessoas usando drogas ou não soubesse que o uso dessas substâncias acontecia, mas como já estávamos cabulando aulas, não gostaria de chamar a atenção dos inspetores escolares e ser punido também por algo que eu não estava fazendo (uso de drogas).

Para minha sorte, meus parceiros de basquete sequer chegaram a oferecer o cigarro para que eu ou o outro colega pudéssemos experimentar. Por mais que acredite que eu não teria experimentado, não sei hoje, olhando para trás, se de fato teria resistido à oferta, caso eu fosse o único do quarteto a não provar aquele enrolado de maconha. Digo isso porque já se sabe que a pressão de amigos que usam drogas, a convivência com pessoas envolvidas com o tráfico e a fácil circulação de entorpecentes dentro das escolas aumentam a vulnerabilidade de adolescentes e jovens (CERQUEIRA *et al.*, 2011; DE JESUS *et al.*, 2017; ELICKER *et al.*, 2015; SILVA, 2016).

Depois do episódio, nunca mais faltei aula para jogar basquete com aquela dupla de colegas, mas é provável que outros estudantes que vivam situações parecidas não tomem a mesma medida. Isso porque, muitas vezes, os adolescentes, na busca pela construção de sua autoestima, de conseguir a aprovação de seus pares e até mesmo para alcançar popularidade (PAPALIA; MARTORELL, 2022; SANTROCK, 2014) podem assumir comportamentos de risco, como a experimentação de drogas. Não quero dizer, com isso, que uma única experiência desse tipo pode viciar alguém. No entanto, temos conhecimento de que muitas pessoas iniciam o uso dessas substâncias imitando uma figura de referência para elas e costumam avançar para o consumo mais contínuo quando convivem em um círculo social que gira em torno das drogas (HART, 2014, p. 96).

Durante o ensino superior, no curso de licenciatura em Educação Física, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), entre 2004 e 2007, o tema das drogas

fez-se presente de maneira tangencial por meio da discussão sobre os efeitos e o uso de anabolizantes. Quanto às substâncias legais (tabaco e álcool) e ilegais (maconha, cocaína, loló, crack, LSD, entre outras), não recebemos nenhuma informação, tampouco foi discutida conosco a possibilidade de trabalharmos com alunos que tivessem experimentado ou fossem usuários de drogas.

Contudo, mais uma vez, presenciei episódios de pessoas consumindo entorpecentes dentro do espaço acadêmico. Dois colegas de minha turma e alunos de outras salas costumavam ir às imediações do ginásio, um local com baixa circulação de pessoas e próximo à pista de atletismo onde tínhamos aulas, para fumar maconha. Apesar de, na universidade, não ser incomum ouvir em sala de aula algum relato de colegas que já estagiavam em escolas localizadas em regiões que sofriam com o tráfico de drogas, meus professores no ensino superior nunca se interessaram em tratar do assunto. Dessa maneira, adentrei a vida profissional sem qualquer informação ou conhecimento construído acerca do tema.

3.3 Vida profissional

Em minha vida profissional, enquanto docente da educação básica, minhas primeiras experiências com drogas não se deram no interior das escolas, mas no entorno de dois Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) nos quais trabalhei e que estão localizados em regiões nas quais a guerra do tráfico faz-se presente. Entretanto, devido à condição infantil de meus alunos — compreendidos no intervalo dos 6 meses aos 5 anos de idade —, não trabalhei com crianças que, de acordo com meus conhecimentos, houvessem ingerido, acidentalmente ou não, qualquer droga lícita ou ilícita.

A situação mudou bastante quando comecei a lecionar em escolas estaduais do ensino fundamental e médio nos municípios de Guarapari, entre 2012 e 2013, e de Serra, entre 2016 e 2017. Como sempre mantive uma relação muito próxima e aberta com meus alunos e gostava de passar o recreio na quadra e no pátio jogando com eles, acabava,

provavelmente por conta dessa proximidade, ouvindo alguns fatos da vida desses sujeitos a que provavelmente poucos professores tiveram acesso.

As confidências que mais me impressionavam e incomodavam relacionavam-se à experimentação de drogas, principalmente as legais, como o álcool, mas também ilegais, como a maconha, por alunos compreendidos na faixa de 13 a 17 anos de idade. Eu buscava conversar com cada um desses estudantes que se abriam comigo, de maneira reservada e explicava minha postura de abstinência quanto ao uso de drogas, sem falsos moralismos nem julgamentos morais. Apesar de minha postura, sentia que faltava algo, de minha parte, nos diálogos que estabelecia com eles. Mesmo tendo vivido esses episódios, foi a experiência que tive, em 2016, com alunos de um turno no qual eu não trabalhava que significou um marco em minha vida e acabou despertando-me para a necessidade de buscar construir melhor formação sobre a prevenção às drogas no âmbito escolar.

Havia acabado o turno vespertino de trabalho e eu, como de costume, havia-me empolgado com a aula e esquecido de encerrá-la cinco minutos antes de o horário findar para que meus alunos ajudassem-me a guardar todos os jogos e materiais de apoio usados naquele dia. Gastei cerca de 30 minutos para guardar tudo, tempo suficiente para que os estudantes do vespertino deixassem a escola e as turmas do noturno, da Educação de Jovens e Adultos (EJA), começassem a chegar à escola para suas aulas. Quando fui buscar o último equipamento para guardar em meu armário, passei ao lado de uma parte mais isolada do pátio da escola, que já se encontrava bastante escura, porque a noite já havia caído e percebi que três alunos estavam compartilhando um cigarro de maconha. Fiquei sem reação e fingi que não vi; não soube o que fazer; não conhecia os alunos, mas comuniquei o caso à direção escolar.

Voltei para meu lar e soube, no dia seguinte, que os gestores da instituição tomaram a iniciativa de passar de sala em sala professando um discurso moralista sobre as drogas, com a pretensão de que aquela ação inibisse o uso de drogas por aqueles estudantes. Para piorar um pouco mais, foram fixadas algumas folhas impressas em folhas de papel sulfite, tamanho A4, pelo pátio da escola, com o seguinte dizer: “Se você usa lá

fora, problema seu. Se você usa aqui dentro, problema nosso! Sorria, você está sendo filmado!”.

Um dos impressos foi posicionado na área do pátio em que o uso da droga ocorreu, para não deixar dúvidas nos estudantes usuários de que o recado era para eles. Cumprindo com a ameaça que o cartaz prometia, a iluminação na parte do pátio onde o cigarro de maconha fora compartilhado foi aumentada e uma das diversas câmeras de segurança que já existiam na escola foi estrategicamente direcionada ao mesmo local.

A escola, seus gestores e professores do noturno, diante de flagrante impotência e da falta de conhecimentos sobre como deveriam agir com seus alunos, tomaram a iniciativa mais rápida e fácil: **ignorar o problema e impedir que ele continuasse a ocorrer dentro do espaço escolar**. Como já vimos antes, o amedrontamento confunde, gera mitos em torno do uso de drogas e não surte o efeito desejado de auxiliar na prevenção (LOUREIRO; QUEIROZ, 2018). Por não me conformar com essa situação de coisas, acabei realizando a construção da tese cujo memorial foi revisitado e problematizado neste texto.

4 Considerações finais

Diante das reflexões construídas neste artigo, consideramos importante apontar alguns encaminhamentos para que professores, responsáveis pelos alunos e sistemas de ensino possam (re)pensar a prevenção realizada nas escolas.

Os fatos apresentados da vida acadêmica do autor principal do texto narraram um caminho por meio do qual ele conviveu indiretamente com as drogas. Isso pode acontecer com qualquer estudante das escolas brasileiras e pode-se dar, até mesmo, de maneira mais direta. Um argumento comum dos professores para evitar abordar o tema na escola é a crença de que, por meio de uma potencial discussão sobre a temática, os adolescentes e jovens serão despertados para a experimentação de entorpecentes. Contudo, não é deixando de tratar do problema que ele deixará de existir. Além disso, é muito melhor que os estudantes recebam informações sobre drogas na escola, com pessoas que saibam do

assunto, do que continuarem balizando-se pelo senso comum e por posturas moralizantes, que empurram esses sujeitos ainda mais para a experimentação e para o consumo regular de tais substâncias. Por esse motivo, acreditamos que informar aos estudantes sobre as drogas e seus problemas e trabalhar a prevenção ao uso delas são funções que a escola e seus professores não podem se furtar de assumir. Contudo, para que os docentes aceitem e desenvolvam tais atribuições com tranquilidade, eles precisam acessar os conhecimentos científicos sobre essas substâncias tóxicas e os efeitos que elas provocam em seus usuários.

Para tanto faz-se necessário que sejam construídos programas de formação continuada voltados para a prevenção ao uso de drogas *com* os professores, e não sobre ou para eles. O que queremos dizer com isso é que os docentes precisam ser ouvidos acerca de seus temores, ansiedades e expectativas, de modo que a formação continuada ofereça conteúdos científicos que respondam às demandas postas por eles, auxiliando-os na construção de conhecimentos necessários para que a prevenção na escola aconteça.

Diversos profissionais de saúde, como psicólogos, médicos, enfermeiros e terapeutas ocupacionais, podem ser convidados para ajudar os educadores nesses encontros, mas reafirmamos que o papel de trabalhar com a prevenção cotidianamente na escola é dos professores e não de pessoas alheias ao ambiente escolar. Outro fator que pode ajudar a determinar se as escolas obterão sucesso ou o fracasso na prevenção ao uso de drogas é o estilo educacional adotado por elas: escolas democráticas e acolhedoras tendem a ser protetoras ao uso de drogas; as instituições ocupadas demais em serem conteudistas, pouco preocupadas com o bem-estar físico e mental de seus alunos, tendem a piorar a vulnerabilidade, pois não apresentam condições de (ou mesmo não querem) serem protetoras ao uso de drogas em idade precoce pelos alunos.

Lembramos que tanto os responsáveis pelos alunos quanto a escola podem funcionar como fatores de proteção ou de produção de uma vulnerabilidade ainda maior para o uso de drogas por parte dos sujeitos em idade escolar. Por isso, frisamos que os entes dos alunos devem ser envolvidos nesse processo preventivo. Para tanto, a escola precisa realizar campanhas de conscientização com pais e responsáveis quanto aos riscos

envolvidos na experimentação de drogas lícitas e ilícitas em idades precoces: tanto em relação ao potencial uso problemático no futuro, quanto aos problemas de saúde que o consumo de drogas pode produzir. Monitoramento, orientação e exemplos do não uso dessas substâncias, sempre que for possível, devem ser estimulados entre os pais.

Os cursos de formação inicial de professores também devem incorporar em seus currículos conteúdos e/ou disciplinas que tratem da questão do uso de drogas precocemente entre os escolares. Acreditamos que essa ação pode dar um aparato mínimo aos futuros docentes para que eles não se sintam despreparados para lidar com a temática, caso descubram que possuem algum aluno experimentando drogas ou, por vezes, tendo problemas com elas.

Esperamos que este texto auxilie outros professores que venham a interessar-se pela temática das drogas no âmbito escolar a perceber a complexidade do fenômeno e a compreender que o diálogo, a sensibilidade e a formação continuada devem alicerçar o caminho fundamental para que as escolas construam programas de formação continuada realistas, capazes de despir os membros da comunidade escolar (não apenas professores e alunos, mas também os responsáveis por estes) de preconceitos e estereótipos cristalizados no senso comum. Se essas substâncias não trouxessem, em alguma medida, prazer a seus consumidores, o número de usuários de drogas pelo mundo não seria tão alto como é.

Por fim, recomendamos que sejam feitos novos e mais aprofundados estudos com os professores das escolas dos mais diversos locais espalhados pelo Brasil, para a compreensão dos conhecimentos que os docentes possuem sobre drogas e para propor diferentes maneiras de auxiliá-los na construção de programas de prevenção tão heterogêneos e plurais quanto se fizerem necessários.

Referências

ARALDI, J. C. *et al.* Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 16, n. 40, p. 135-148, jan./mar. 2012.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/kHHpBD5jJQD537MyjkNPNw>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CERQUEIRA, G. S. *et al.* Consumo de álcool entre estudantes de uma escola pública da cidade de Cajazeiras, PB. **SMAD. Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 18-24, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38735/41590>. Acesso em: 8 out. 2022.

CERUTTI, F.; RAMOS, S. de P.; ARGIMON, I. I. de L. A implicação das atitudes parentais no uso de drogas na adolescência. **Acta Colombiana de Psicología**, Caracas, v. 18, n. 2, p. 73-181, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v18n2/v18n2a15.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

CHAGAS, J. C. *et al.* Concepções de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre prevenção do uso indevido de drogas. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, p. 1-20, e227179, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zFntQ9tPtKF7dDLPkS55y3q>. Acesso em: 10 nov. 2022.

CHAVES, M. W. As relações entre a escola e o aluno: uma história em transformação. **Educ Real.**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1149-1167, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/YGptNZ4KqDCyYhrZTNHjrdD>. Acesso em: 18 dez. 2022.

ELICKER, E. *et al.* Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 399-410, set., 2015. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v24n3/v24n3a06.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

HART, C. **Um preço muito alto**: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas. Rio de Janeiro: Zahar: 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde do escolar 2009**. Rio de Janeiro: IBGE; 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde do escolar 2012**. Rio de Janeiro: IBGE; 2013

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde do escolar 2015**. Rio de Janeiro: IBGE; 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde do escolar 2019**. Rio de Janeiro: IBGE; 2021.

LOUREIRO, W.; QUEIROZ, P. P. de. Desafios da prevenção ao uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas: um estudo de revisão. **Cadernos da Educação Básica**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 83-101, 2018. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/2083>. Acesso em: 2 nov. 2022.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH 2022.

PASSEGI, M. da C.; CUNHA, L. M. da. Narrativas autobiográficas: a imersão no processo de autoria. In: VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. de; PASSEGI, M. da C. (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica: questões de ensino e formação**. Curitiba: CRV, 2013. p. 43-57.

PENA, A. C. Formação de professores de educação infantil: memória, narrativa e inteireza. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 72-86, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/124>. Acesso em: 25 dez. 2022.

PEREIRA, A. P. D; PAES, Â. T.; SANCHEZ, Z. M. Fatores associados à implantação de programas de prevenção ao uso de drogas nas escolas. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, p. 1-10, ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/kkBjwSy7mM4YK4CwVLdn96p/citation/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 nov. 2022.

PORTELLI, A. Espaço e definições. In: MEIHY, J. C. S. B.; SEAWRIGHT, L. (Orgs.). **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020, p. 19- 27.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

SCARPIM, F. A.; TREVISAN, M. B. **História e memória: diálogos e tensões** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2018.

SILVA, M. da C. A. O papel da escola nas ações preventivas relacionadas ao uso de álcool e outras drogas por alunos do Ensino Fundamental I. **SMAD. Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 30-39, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/119194>. Acesso em: 29 dez. 2022.

XAVIER, A. R. *et al.* Memória: abordagem teórico-conceitual. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 1, e313798, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3798>. Acesso em: 31 dez. 2022.

16

ⁱ **Walk Loureiro**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0554-857X>

Instituto de Ensino Superior e Formação Avançada de Vitória, Curso de Educação Física
Doutor em Ciências pela FIOCRUZ/RJ; coordenador e professor do curso de Bacharelado em Educação Física da IESFAVI; Professor de Educação Básica III – Educação Física da PMV; Membro do Núcleo de Estudos em Saúde, Educação e Diversidade (NESED/UFF).

Contribuição de autoria: pesquisa e elaboração do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7019686265367620>

E-mail: loureiro.walk@gmail.com

ⁱⁱ **Paulo Pires de Queiroz**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0609-6424>

Fundação Oswaldo Cruz

Professor e Pesquisador Associado da Faculdade de Educação na UFF; Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde da FIOCRUZ, do Programa de Pós-Graduação em Diversidade e Inclusão - CMPDI/UFF e do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologias e Inclusão – PGCTIn/UFF; Coordenador do Núcleo de Estudos em Saúde, Educação e Diversidade (NESED/UFF).

Contribuição de autoria: pesquisa e elaboração do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2338289949427695>

E-mail: ppqueiroz@yahoo.com.br

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: Luciana Canário Mendes e Francisca Genifer Andrade de Sousa

Como citar este artigo (ABNT):

LOUREIRO, Walk; QUEIROZ, Paulo Pires de. Narrativas de um professor pesquisador na prevenção ao uso de drogas por estudantes. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 5, e510039, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v5.10039>

Recebido em 23 de janeiro de 2023.

Aceito em 20 de julho de 2023.

Publicado em 20 de julho de 2023.